

O SOCIOCENTRISMO E A PROBLEMÁTICA DA COMUNICAÇÃO

MARIA CRISTINA CAMPOS S. FARIA *

INTRODUÇÃO

'Quando Zaratustra chegou à cidade vizinha, na orla da floresta, encontrou uma grande multidão reunida na praça: tinha sido anunciado um equilibrista. Então Zaratustra falou deste modo ao povo, dizendo-lhe:

- Anuncio-vos o Super-Homem. O homem é qualquer coisa que tem de ser ultrapassada. Que fizestes vós para o ultrapassar?

'Até aqui todas as criaturas criaram alguma coisa que as ultrapassava a si próprias, e vós quereis ser o refluxo desta grande maré e quereis antes regressar ao animal do que ultrapassar o homem?'

(F. Nietzsche, in ASSIM FALOU ZARATUSTRA)

Ao iniciar um estudo sobre um determinado objecto dum certo nível (estrutural, institucional ou situacional), o observador depara-se sempre com a questão de "Como começar?"; e fica confuso, porque a realidade é tão vasta e sedutora que se torna difícil de definir qual é o campo ideal de observação (campo de acção individual ou social), o tempo em que deve ser efectuado e qual o método a utilizar. Reflectindo e tomando consciência deste problema, ele sente que uma vez que não pode abarcar a totalidade, talvez, não tenha sentido tirar conclusões.

Num outro momento, uma nova questão surge: "Partir do geral para o particular, ou do particular para o geral?". Tentando despir-se dos seus conceitos e preconceitos, perspectivas e opções, sonhos e representações, imagens e emoções, recordações e ambições; o que resta da personalidade do observador assume correr o risco de levar a cabo a sua investigação o mais cientificamente possível, fiel à finalidade previamente definida.

* Docente da ESE de Beja

Por fim, depois de árduo trabalho, depara-se com a tarefa de comunicar o seu conhecimento para um público desperto/adormecido ou próximo/distanciado, que transmite informação ou não, numa linguagem verbal ou não verbal, sobre o grau de interesse e atenção perante o problema colocado e solução alternativa.

Uma epistemologia das ciências humanas pode alargar-se em diversos sentidos, a tal ponto que nos perdemos na multiplicidade das reflexões ou dimensões e num esforço de previsão e antecipação, dificilmente encontramos a solução certa para o problema concreto levantado.

Definir o objecto das ciências, traçar os seus limites, estudar as leis do seu desenvolvimento, determinar o seu valor e alcance objectivo, são tarefas que cada vez mais requerem mentes perspicazes e inovadoras, imunes aos sintomas de fadiga, ansiedade, angústia, depressão, crise, evasão e independentes do subjectivo etnocêntrico, sociocêntrico ou egocêntrico.

As pessoas vivem um certo tempo nas nossas sociedades e depois partem; mas, os cientistas sucedem-se no seu contributo transformando a ciência numa força produtiva e criativa. Hoje a ciência vive momentos de dúvidas e crises, momentos de fragilidade e insegurança, mas também tem a possibilidade única de evoluir e correr o risco de agarrar a oportunidade deste entremeto.

O presente trabalho tem como principal preocupação colocar algumas questões e reflectir sobre o sociocentrismo, pondo a tónica num dos sintomas de degradação da sociedade actual: a problemática da ausência de comunicação. A ignorância do OUTRO e implicitamente a ignorância do EU, num mundo de imagens em que a mass média funciona como principal meio de formação ou deformação, conhecimento ou desconhecimento duma realidade ou fantasia, com ou sem espaço e tempo.

A sensibilidade de uma Personalidade que percepção em função dos seus esquemas de pensamento e acção e dos seus pontos de referência e pertença, possibilita a conquista duma consciência diferente. Assim, nem todos os indivíduos percebem o confronto da imagem do EU e do MUNDO, na multiplicidade de papéis vivenciados. É pois, através de um diálogo que não seja anulador das diferenças mas, que possibilite a cada um a livre expressão dos seus valores, que é possível reflectir para tomar uma opção de projecto de orientação, capaz de responder às exigências duma epistemologia das Ciências Humanas.

UM CONTEXTO SOCIAL

Estar disposto a comunicar (intencionalidade) com o seu EU ou com o OUTRO é por antagonismo uma tarefa tão simples quanto complexa, para a qual é preciso TEMPO. "A vida são dois dias", um para nascer e outro para viver. Para morrer não há tempo. Neste sentido parece não haver lugar para pensar e falar, sobre o desenrolar dos acontecimentos e reflectir e enfrentar sobre o porquê do antes, do durante e do depois, num contexto experimentado ou experienciado. Talvez por isso, nos sintamos alienados ou doentes, desesperados ou impotentes mas, será alternativa submetermo-nos àquilo que Mills chamou de "Robô Alegre"? É mais uma vez o antagonismo, a contradição: pois, ou se é máquina ou se é sentimento, e este último é exclusivamente próprio do humano: homem ou mulher.

"Parar é morrer, estagnar, desaparecer, deixar de existir, de pensar e de falar, de comunicar num diálogo interno ou externo. A máxima da comunicação defende que é impossível não comunicar, mais que não seja comunicamos que não queremos comunicar (será isso a morte?). Estar vivo é ter saúde ("Bem estar físico, mental e social..." O.M.S.) deveria ser a preocupação constante do humano. Mas, como consegui-la num contexto de antagonismo? A relação da mãe e do filho esquizofrénico parecem ser a base da co-

municação dos dias de hoje (sociedade esquizofrenizante). Dizemos sim com o olhar, acenamos não com a cabeça e dizemos "talvez!" com a boca: tudo isto, numa postura rígida, com a perna a balouçar e as mãos húmidas esfregadas uma na outra, e a pensar "Como me safo desta situação? O que é que está a acontecer?". As coisas são tão evidentes que até cegam; e neste bloqueio transitório e constante se constrói a personalidade (saudável?).

No livro de James Jones **OS SÃOS E OS LOUCOS** o soldado Doll aprendera muitas coisas e uma delas era a de que "Ninguém era, na realidade, o que fingia ser. Era como se cada um montasse uma história de ficção sobre si próprio, dizendo depois aos outros que aquilo era o que ele era. E todos acreditavam, ou menos aceitavam essa história de ficção(...)". Parece que o que as pessoas querem é uma história, não interessa se é verdade ou mentira. Tão pouco importa a quem se dirige. Mas, só é dado atenção se for uma boa história. Por isso, o soldado Doll (boneco) desabafa: "Era estranho, mas era como se uma pessoa fosse honesta e admitisse não saber o que era na realidade, ou mesmo se chegava a ser alguma coisa; então ninguém gosta de nós porque os outros se sentem mal na nossa presença, se afastam de nós. Mas quando conseguimos montar a nossa própria história de ficção que nos vai enaltecer, fingindo que somos realmente assim, então todos a aceitam e acreditam em nós".

Como é possível trocar informações e existir entendimento em tal contexto? Como compreender alguém que se encontra em mutação constante mas, que por outro lado não pode expressar aquilo que verdadeiramente é? Uma imagem que não é fantasia mas realidade? Como ser feliz com a sua própria imagem (filme do **ESTUDANTE DE PRA-GA**)?

Estar na 25ª HORA (a hora depois da última) não parece ser possível nem impossível! Mas, o que acontece quando uma Personalidade livremente saudável se expressa conscientemente sincera? Como vai ela estabelecer o contacto com uma Personalidade antagonista? Será que no fim consegue sorrir?

"Moritz olhou para Susana. Olhou para o pequenino. E ficou outra vez sombrio. Vinham-lhe as lágrimas aos olhos. Agora que lhe tinham mandado rir, já não podia mais. Sentia que ia romper em soluços como se fosse uma mulher. Com desespero. Era o fim. Já não podia ir mais longe. Não havia homem que pudesse ir mais longe.

- Keep smiling! - ordenou o oficial, com os olhos em Iohann Moritz. - Smiling! Smiling! Keep smiling!..."

É na diferença que nos descobrimos e descobrimos os outros. Em todo o caso é tudo uma questão de cobertura. Não vale apenas escondermo-nos de **NÓS** ou dos **OUTROS**. Quando o fizermos morremos. Não tem sentido sermos mortos caminhantes para sítio nenhum, numa sociedade em que a "mass média" reina. Novamente o antagonismo, quanto mais meios temos ao nosso dispor para comunicar, mais o homem ou mulher se demitem de o fazer. Como explicar:

- os divórcios crescentes?
- o indivíduo perante a T.V. 24 horas/dia?
- locais de diversão e convívio cheios de ruído?
- o desconhecimento dos vizinhos de bairro?
- os alunos e professores que não se cumprimentam?
- os pais não beijarem os filhos?
- o abandono e desprezo pelos idosos?
- o crescimento das doenças psicóticas e neuróticas?
- a agressividade de alguns automobilistas?
- a taxa de suicídios dos jovens?
- a implicação da SIDA nas relações humanas?

Fenómenos que carecem de directrizes urgentes. É possível que perante problemas tão complexos a resposta seja simples, e até esteja diante de nós. Há solução para tudo! O mais difícil é encontrá-la. A **IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA** pode ser sem dúvida uma alternativa para esta situação antagónica da comunicação.

Os indivíduos metem-se demasiado no seu casulo, é necessário que sofram a metamorfose e que voem. Alargar os horizontes para não ser vítima do etnocêntrismo, socio-cêntrismo ou egocêntrismo. O exagero mata! A deficiência prejudica. No meio é que está a virtude.

Interessa alcançar o ponto distante, torná-lo perto, conhecê-lo. E logo um outro ponto distante nos surge no nosso campo perceptivo. É neste dinâmico e interactivo distanciamento do ponto de partida, que construímos o conhecimento do que somos e do que os outros são. É quando a criança tem a possibilidade de se colocar na posição do outro que ela começa a dar conta de si. É quando o adolescente reflecte sobre o mundo que partilha que ele se descobre. Mas, é só quando se enfrenta conscienciosamente e responsavelmente a realidade que o homem ou mulher têm sentido, isto é, são adultos.

As fontes, as representações e percepções que temos das coisas, dos seres, dos factos e das informações determinam o nosso comportamento em geral; mas a reflexão, a imaginação, o distanciamento, a descoberta, a assunção duma opinião sobre eles e consequente orientação, determinam o conhecimento. Em todo o caso, estamos numa casca de noz navegando no oceano, à procura duma nova **IDENTIDADE**, duma nova **IMAGEM** e dum novo **SOCIAL** que só é possível através duma nova comunicação do **EU** e do **MUNDO**, com vista a um entendimento.

Deixando uma pista para reflexão; segundo L. Farnoux-Reymond, "Dado que o homem é o único animal que bebe sem ter sede, convém que o faça com discernimento", por analogia poder-se-ia dizer que dado que, o homem ou mulher são os únicos animais que falam...e que têm acesso ao conhecimento, convém que o faça com discernimento.

SOCIEDADE E COMUNICAÇÃO

A má qualidade das comunicações escritas e orais da maioria dos indivíduos é um facto real, observado, verificado, comprovado, ninguém o põe em dúvida. Quais as causas das imperfeições ortográficas, estilísticas e oratórias desses indivíduos no final do século XX? Não interessa culpabilizar a linguagem em vigor do meio, mas tentar apreender as condições do seu exercício com a finalidade de descobrir a significação e o valor que pode ter para os jovens dos nossos dias. Pelo menos a eles porque se "burro velho não aprende línguas", no entanto é bom que se tenha a disponibilidade de "aprender até morrer". Agora mais do que nunca, pois ainda não resolvemos o problema do analfabetismo e já nos debatemos com outro; o analfabetismo informático.

A vida quotidiana é invadida pelo ruído (obstáculo à comunicação) e em todos os graus de intensidade, força e abundância pela palavra. Há sem dúvida uma **VERBORREIA SOCIAL** que caracteriza a nossa época, mas não se deve concluir apressadamente que estamos perante uma sociedade da "comunicação" e do "diálogo".

Hoje vê-se, ouve-se e fala-se. A palavra tem som, cor, movimento, fantasia, todas as barreiras são ultrapassadas graças a técnicas poderosas ou discretas, colectivas ou individuais, ampliadas ou reduzidas, todas as vias e dimensões são utilizadas para uma expansão eficaz. No entanto se podemos estar de acordo que a uma sociedade do silêncio sucedeu uma sociedade da palavra, parece que em simultâneo a uma sociedade da conversação parece ter sucedido a sociedade do monólogo, da sondagem, da publicidade, da opinião pública, da propaganda, da sugestão condensada em slogan ou diluída em discursos incoersíveis, onde tantas vezes a T.V. bloqueia a conversação familiar.

Ontem nas longas noites de serão, nas tardes de estio, a palavra servia para transmitir ideias, intenções, convicções, exprimir sentimentos, formulá-los, explicá-los e justificá-los. Nestas permutas, das quais não era excluída a argumentação, faziam-se no decorrer de conversas mais ou menos íntimas e sinceras.

Hoje não são apenas ideias ou sentimentos (será que ainda existem ou já foram todos vendidos?) que se transmitem pela palavra, são coisas, bens, produtos que propõe a palavra técnica do comércio e da indústria, numa sociedade que privilegia o **CONSUMO** e os interesses e bens materiais pessoais.

É toda a gente que fala a toda gente, ou ninguém que fala a ninguém; é que a palavra não implica a presença mais ou menos distante de dois ou vários interlocutores. A relação de comunicação que toda a linguagem pressupõe reduz-se à sua forma e conteúdo.

Segundo Ball, a definição que Merleau-Ponty dá da linguagem foi modificada "Já não há alguém que fala, alguma coisa que é falada, alguém a quem se fala. Uma vez que o locutor se esfuma no anonimato e no universal e o interlocutor se transforma num ouvinte eventual, apenas resta a coisa falada. A gente fala, dirá o sociólogo. Isso fala dirá o psicanalista. Quem fala a quem? E pode-se ainda falar de palavra? Não seria mais justo dizer que a gente diz ou que isso diz? Que "alguma coisa" é dita?".

A sociedade de consumo e produção, causadora de tantos desequilíbrios sociais, põe entre parênteses o **locutor** e o **interlocutor**, rodeando-os de reticências; mas igualmente recusa a gratuidade da linguagem. No entanto por mais paradoxal que pareça os indivíduos nunca tiveram tanta possibilidade de expressão dos seus sentimentos, desgostos, sonhos, ideias, realidades que outrora só apareciam descritas nos livros.

Nesta panorâmica surge uma multiplicidade de questões.

- I) Como comunicar numa sociedade que privilegia o anonimato, o informal, o impessoal?
- II) Porquê a obrigação à concorrência e à competição sem limites?
- III) Porquê não exigir uma reciprocidade de linguagem, mas solicitar gestos e formas de comportamento pré-determinados?
- IV) Qual a origem da preocupação em construir barreiras sociais?
- V) Porque é que as pessoas que utilizam a mesma língua não se entendem?

Levar a sério a diversidade de formas de inteligibilidade socialmente partilhadas conduz a afirmar a existência de uma pluralidade contraditória de arbitrários de pensamento comandando as produções discursivas e a produção dos efeitos de sentido, por esse facto "falar de comunicação impõe sempre que se fale, simultaneamente de in-comunicação" (Madureira Pinto).

Neste dinamismo incompreensível cabe aqui e agora citar Emma Santos no seu livro o **TEATRO**:

"É preciso falar por falar.
Nunca fales para dizeres qualquer coisa.
Evita a sinceridade, fuge dela, ninguém te escutaria.
As palavras, as palavras verdadeiras são mudas."

Que fariam as pessoas se não colocassem a sua atenção no consumo? Ficava talvez o silêncio ou o vácuo, mas também a possibilidade do confronto consigo próprias e com o que objectivamente e realmente as rodeia ou preocupa.

Estamos segundo Mills na Idade do Facto e os homens precisam de saber usar a informação e desenvolver a razão para perceber o que está a ocorrer no mundo, na sua sociedade e até dentro deles próprios; a verdade é que o "rei vai nu"! É necessário abrir os olhos e ver mais objectivamente o longe. A combinação entre o egocentrismo individual e o sociocentrismo colectivo é sempre incerta e aleatória (Morin, 1973).

Na interacção entre as pessoas não se trata mais da relação entre o indivíduo tomado isoladamente e a cultura, mas duma interacção entre os indivíduos e eles próprios influenciados pelo seu quadro cultural. O estudo das comunicações começa pela universalidade das mímicas, ao progresso do facto dos problemas que se colocam pela sua multiplicação (era da mass média: imprensa, rádio, TSF, TV; audio-visuais) mas também, graças ao progresso das técnicas utilizadas para as estudar.

Desde os comportamentos em pequenos grupos, até às relações interpessoais, onde encontramos as noções de estatuto e de papel que variam em função dum quadro cultural e das investigações sobre a percepção do outro, as condições de associações duráveis, deveriam ser alvo de estudo minucioso.

"A América é conhecida não só como um projecto comum mas como uma armação dentro da qual as pessoas são meros indivíduos, onde se encontram sozinhas". (Bloom); será só na América que as personalidades sentem a solidão ou têm uma sensação de encurralamento (Mills)? Nietzsche queria pela boca de Zarathustra denunciar o vácuo das relações sociais e humanas, queria "acordar o homem" e a mulher, da "solidão", da "vergonha" e duma consciência adormecida ou até não existente.

Segundo Adriano Rodrigues "A comunicação inscreve-se no mundo comum; pres-supõe-no, elabora-o, restabelece-o, desloca-o. É esta multiplicidade de modalidades de inscrição dos processos comunicacionais no mundo comum que torna a abordagem positivista da ciência da comunicação uma pretensão ideológica redutora, uma abordagem instrumental que oblitera as dimensões que escapam a interesses imediatos ou mediatos". Neste sentido como pode existir uma comunicação autêntica entre o eu e o tu? Como é possível ignorar-me a mim mesmo? Onde existe lugar para a criatividade e originalidade expressiva?

É bom que nos desencantemos! O egocentrismo nas suas formas sociais (etnocentrismo e sociocentrismo) constitui um obstáculo epistemológico.

ETNOCENTRISMO - SOCIOCENTRISMO - EGOCENTRISMO

Um dos factores da incompreensão e dos conflitos entre as sociedades, diz respeito às imagens *a priori* duma mentalidade etnocêntrica que percepçiona numa tonalidade depreciativa qualquer cultura que não seja a sua, julgando-a e comparando-a numa perspectiva pejorativa, em função dos usos e costumes, crenças e técnicas do seu grupo, do seu povo, que serve de critério de comparação, pois é considerado como normalidade. Assim, de certo modo, o etnocentrismo contribui para menosprezar certos padrões culturais, cujo teor se afasta ou diverge da posição cultural do observador.

Sumner (1907) refere o facto dos japoneses olharem a nudez com indiferença, mas vestirem-se salientando o contorno das formas humanas que os europeus utilizam muitas vezes como atracção. Uma mulher asiática surpreendida no banho, cobre em primeiro lugar a face. Uma chinesa com os pés comprimidos considera indecente expô-los. Um senador romano (Amnius Marcellinus, XXVIII) foi severamente censurado, porque beijou a sua mulher na presença da sua filha.

Cada povo possui os seus códigos sociais que o marcam tão distintamente quanto os códigos genéticos. A história e a etnografia têm mostrado como procedimentos mais comuns dum grupo são peculiares, *sui generis* e independentes de qualquer outro. O gru-

po necessita de ser consistente e coerente consigo próprio. isto é. estar conforme ao código corrente professado pelos seus elementos. Quando tal não acontece existe corrupção, discórdia e decadência da característica desse povo, ou seja, do que o faz ser diferente dos outros.

Enquanto os costumes forem simples, ingénuos, naturais e inconscientes, não há perversão da característica, seja ela qual for. Mas, quando surge no horizonte o despertar da reflexão e os detentores do poder não são suficientemente convincentes nas respostas que dão às questões colocadas, surge a dúvida constante e pertinente, pelo que a característica individual será corrompida e a sociedade degenerará.

A ausência de reflexão e do alargamento das perspectivas promove a constância e a uniformidade de vida; é como diz Robert Lowie "He little knows of England who only England knows". O conhecimento fica compartimentado, pelo que a mudança só ocorre quando alguém se preocupa com o porquê dos factos. O que acontece quando duas culturas se encontram? Como explicar uma mudança cultural profunda diante de fenómenos como o genocídio e o etnócio? Será que os grupos etnocéntricos vivem melhor que os tolerantes? Será o etnocentrismo universal?

Para Platão a ordem natural das tarefas humanas estava em harmonia com a ordem da natureza, chegando ao ponto de considerar o número sagrado afirmando que o Estado e o Universo eram regidos por ele. Segundo Pinto e Grawitz (1964) esta projecção é análoga àquela que se pode observar nas sociedades ditas primitivas que constroem o espaço mundial sobre o modelo do espaço social e definem o tempo pelo ritmo da vida colectiva. Tais conceitos tiveram uma grande força ao longo da idade média, muito sensível às "magias milenárias". O mundo moderno, se algum dia as esqueceu jamais completamente as aboliu.

A autoridade social, a questão do poder sempre se aliou à força da verdade e consequentemente quem detém o poder sempre tenta impor a sua verdade, os seus valores, as suas ideias.

A interpretação do mundo, da natureza e da sociedade, neste sistema refere-se a um conjunto de preceitos de acção, de regras de conduta, isto é, de sociocentrismo ou sociomorfismo. Ela apresenta o que a terminologia moderna chamaria de carácter normativo, isto é, regulador; uma vez que só pode provocar uma pesquisa das causas determinantes, objectivas dos fenómenos - toda a explicação estabelece conexão no desenrolar duma conduta.

Se o aumento do poder dum povo lhe é conferido pelo progresso científico e tecnológico, que lhe proporciona avanço e progresso, parece pairar no horizonte o perigo de uma uniformização cultural e com ela a ameaça de abafar o **OUTRO**. No entanto, convém salientar que um alto nível de racionalidade burocrática, sofisticada e tecnológica, não significa um alto nível de inteligência individual ou social, e consequentemente, do bem estar duma Personalidade e Sociedade livres.

Será que todas as diferenças culturais (relativismo cultural) poderão ser aceites? Cada cultura deveria ser explicada dentro do seu próprio **quadro de existência**. Quando este princípio não é respeitado há uma dupla privação: a do dominador e a do dominado; assim, as sociedades que conquistam muito mais poder são também aquelas que obtêm muito mais destruição.

Há pois, o perigo da absolutização da cultura universal, isto é, da redução do **OUTRO**, da eliminação das diferenças, da recusa sistemática à partilha, troca e discussão construtiva. Sem diversidade não é possível encontrar alternativas viáveis. Este problema mostra a urgência duma vigilância epistemológica e reflexiva constante.

Se considerarmos o egocentrismo como caso particular do sociocentrismo e este como caso particular do etnocentrismo, não há dúvida que se torna urgente a consciencialização das diferenças individuais, sociais e étnicas para uma revalorização do **OU-**

TRO em todos os planos, com o objectivo de construir um sujeito mais lúcido, mais modesto e prudente que viva em harmonia consigo próprio e com o outro.

Um dos estados peculiares de psiquismo dos humanos desta época é caracterizado pela incapacidade que o sujeito tem de discriminar-se e conhecer-se enquanto sujeito, pelo que apresenta uma variedade de formas de comportamento, todas elas marcadas por deficiências dissociativas e descontínuas. Considera-se a confusão entre o real e o imaginário, o subjectivo e o objectivo, tendo como resultante a perda da objectividade (quando o sujeito fala regista uma incapacidade de distinguir a palavra da coisa por ela designada).

Bloom refere - o exemplo do voto de estudantes em Brown que exigia que a Universidade deveria por ao seu dispor pastilhas de cianeto num caso de ataque nuclear.

A paisagem variável de horizonte ilimitado, onde tudo surge por mero acidente, é a condição propícia para o homem e a mulher se voltarem para o seu íntimo, surgindo um novo grau de isolamento: "fechar-se sobre si mesmo" para salvaguardar de modo ilusório a sua própria integridade pessoal; o que torna mais real a afirmação de Tocqueville "nas sociedades democráticas, cada cidadão está habitualmente ocupado com a contemplação de um objecto muito insignificante, que é ele próprio".

Os homens e mulheres e em particular os jovens não têm que obedecer a nenhum código social, são livres de escolher qual o tipo de conduta que desejam adoptar, seja qual for o plano em que ela se coloque (casar ou não; ter filhos ou não; ser homem ou mulher; ser religioso ou ateu; ser honesto ou devasso; ter ou não uma ideologia;...), sustendo sempre as opções em aberto. Não há nenhum constrangimento ou pressão social, mas por outro lado, ficam sem pontos de referência e de pertença internalizados, pelo que não é de surpreender que se preocupem exclusivamente consigo próprio. Assim, "podem ser qualquer coisa que queiram ser, mas não têm nenhuma razão particular para querer ser qualquer coisa em particular" (Bloom) e aqui uma perda da Identidade Individual, e consequentemente social.

Quando as pessoas partilham os mesmo valores, elas tendem a comportarem-se de acordo com o que esperam umas das outras. Tal conformidade mantém unida uma Personalidade e uma Sociedade, uma vez que tudo o que é socialmente esperado torna-se individualmente necessário.

Os homens e mulheres do nosso tempo andam ao sabor do vento, por isso, torna-se urgente que adquiram raízes; é a anemia de que fala DurKeim: os padrões e as sanções já não dominam o **HOMEM**. Então o que é que o domina? As pessoas surpreendem-se a elas próprias todos os dias a dizer e a fazer coisas que nunca pensaram realizar ou desejar. Como explicar a transformação social? Como manter ou atingir o equilíbrio social?

"Quando compreendemos as estruturas sociais e as modificações estruturais que influem sobre os cenários e as exigências e as experiências mais íntimas, podemos compreender as causas da conduta e sentimentos individuais, dos quais os homens, nos ambientes específicos, têm consciência." (Mills), mas os homens e mulheres que têm uma percepção adequada da sua auto-imagem e performance social são muito raros.

Os problemas do nosso tempo parecem ter a sua origem em três coordenadas: biografia, história, sociedade; conhecer as suas relações, comunicações e incomunicações pode ser um caminho para encontrar as soluções que ansiosamente procuramos.

Perante esta panorâmica o indivíduo esforça-se para resolver os bloqueios com que a sua vida se depara mas a boa vontade não é suficiente e ele acaba sempre por se evadir, ora trabalhando ou jogando, ora consumindo ou distraíndo-se num local escuro e multicolor repleto de ruído e de gente comum igual a ele - é mais uma ilusão, uma visão deformada da realidade para rodear a questão da **DIGNIDADE HUMANA**. A ilusão dum bem estar que sufoca a coragem de enfrentar a realidade.

"Sabemos, decerto que o homem pode ser transformado num robôt, por meios químicos e psiquiátricos, pela coacção permanente e pelo controle do ambiente. Mas tam-

bém pelas pressões ocasionais e pelas sequências mais planificadas" (Mills), será que o Humano se irá transformar num Robô Alegre? E mais grave do que isso: será que tal transformação é voluntária? Nesta condição que sentido tinha a FELICIDADE? Como comunicá-la?

Contra o triunfo do Homem alienado temos talvez o "Id" de Freud, o "Freiheit" de Marx, "Eu" de George Mead, a "espontaneidade" de Karen Horney, "a imaginação sociológica" de Mills, a "expressividade" de Miranda Santos, a "sociologia e antropologia do conhecimento" de J. Houart. Resta acrescentar a sinceridade isto é, enfrentar adequadamente o sentimento, situação, ou facto que torna possível a expressão livre e consistente da diferença.

O EU coloca-se diante do OUTRO num processo interactivo, escolhe a melhor estratégia de comunicação que lhe possibilite o entendimento do mundo interior e exterior, pois não recusa emitir e assumir a sua opinião, nem colocar-se na perspectiva do OUTRO. Assim, é no contacto com o OUTRO que o EU se descobre, daí que o conhecimento seja sempre autoconhecimento, e a atitude de ignorar o OUTRO seja a de ignorância do EU. (Fig. 1)

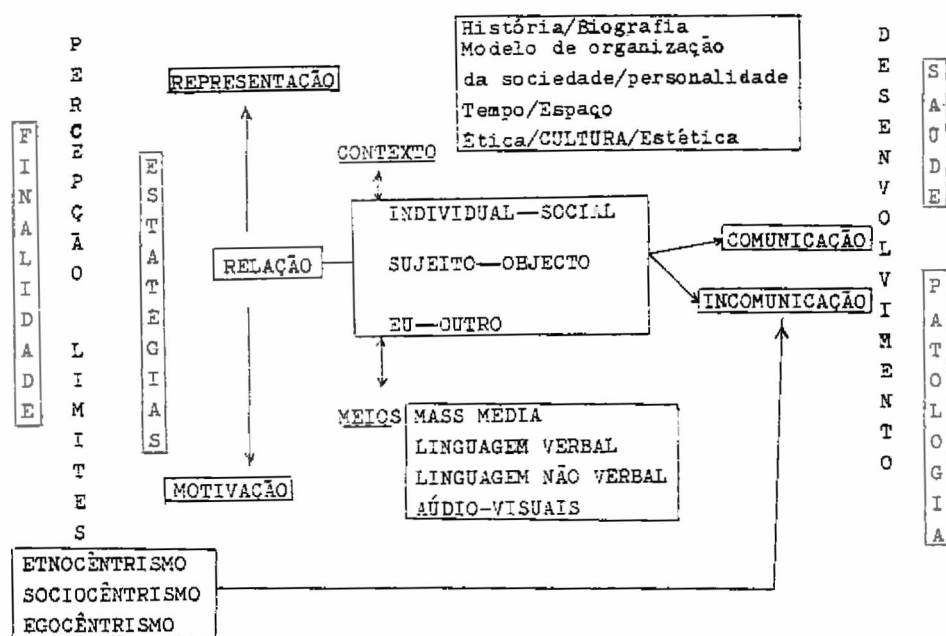


FIGURA 1 : Mecanismos que estão presentes numa relação, percebida como um processo interactivo aberto ou fechado, com a finalidade motivadora/desmotivadora de comunicar/incomunicar para o desenvolvimento dum modo saudável/patológico.

CONFLITO IRREAL/REAL SOCIAL

A possibilidade de ser diferente e disso ter consciência parece cada vez mais uma opção pouco escolhida. A integridade do Eu é destruída em nome duma pseudo-estabilidade, pelo que a realidade do ser diferente é substituída pela realidade de ter medo de ser diferente, tendo por consequência a recusa de ser original. Neste sentido, a escolha realizada denota a discrepância entre o EU e o Mundo, o temor à solidão, à impotência

à incapacidade, à deficiência, à insegurança, à insignificância; tal mecanismo pode ser comparado ao mimetismo adoptado por certos animais para se defenderem tomam a tonalidade do meio, ficam tão parecidos com ele que dificilmente podem ser distinguidos (E.Fromm).

A personalidade que desanima e desiste do seu EU individual e social, torna-se numa pseudo-personalidade. Na perspectiva de Fromm o humano converter-se num autó-mato, igual a tantos outros e assim não mais se sente sozinho ou angustiado, mas "O preço que ela paga, porém é alto: é a perda da sua individualidade". O que resta duma personalidade sem individualidade?

Por isso, a sociedade moderna mostra sob o disfarce da fantasia uma falsidade de intenções. O Homem é posto no esquecimento, surge uma nova imagem um pseudo-Homem comunista de tudo. A batalha que muitos travam para a libertação, não passa muitas vezes da procura duma fórmula ou de um produto químico (o tranquilizante para acalmar, o café para acordar, a cerveja para ter confiança, o cigarro para ter ideias); neles se acredita cegamente e por isso, "o consumo cultural pode definir-se como o tempo e o lugar da ressurreição caricatural e da evocação pândega do que já não existe - do que é "consumido" no sentido original do termo (acabado voluido)" (Baudrillard).

A questão não é só saber o que se quer, mas como se quer, para depois o poder transmitir. Todo o cuidado é pouco, há que denunciar a ilusão para que esta não venha a ser desilusão humana.

O dia a dia do homem e da mulher é constantemente bombardeado com imagens e sons, tão carregados de ilusão, tornando difícil distinguir a veracidade dos factos da existência social e individual. Daquilo que percebemos o que é realmente real? Mas, a questão torna-se mais complexa e profunda quando o ser humano opta pelo irreal, ficando sem saber o que é certo ou errado, o que é bom ou mau, o que é justo ou injusto. A ficção torna-se real e rapidamente, aproveitando as formas de comunicação o mundo do fantástico é preferido, passando-se do irreal social, a um irreal individual.

Deste modo, vivendo num mundo de distorções perceptivas, cognitivas, afectivas, o Homem afasta-se progressivamente da fonte do conhecimento das coisas e das gentes e consequentemente de si próprio. Quais são as razões que o levam a afastar-se do conhecimento? Serão estes obstáculos intransponíveis? Até que ponto somos donos da nossa vida? Qual o porquê da "ilusão de transparência" de que fala Bourdieu e Passeron?

Conseguir desdobrar, desmembrar, desmistificar todas as verdades feitas, *a priori* numa sociedade; questioná-las, construir um desencantamento social das formas sociais pré-estabelecidas e determinadas para construir uma biografia, uma história, uma sociedade onde esteja sempre presente a dignidade humana, perspectivada na sua forma positiva mais pura; isto é, uma desmistificação do banal, do comum, do "déjà vu", da função das instituições nas suas formas conscientes e inconscientes tendo por finalidade a valorização do sujeito, enquanto relação sujeito-objecto, na escolha da sua própria vida.

Compreende-se o MEDO À LIBERDADE de Fromm porque para se ser livre é preciso saber, e nem todos os humanos têm acesso ao conhecimento e muitos até não o desejam. Não será a ignorância o estado mais prazenteiro (ignorar que se é ignorante)? Até quando o peso da estratificação social e do peso do poder? Até quando o rotular dos indivíduos (notas, diagnósticos, notícias jornalísticas)? Há que voltar à criança que há em nós, pelo menos à sua força de tudo questionar, e à sua coragem confiante de não se contentar com qualquer resposta. É neste diálogo frutuoso em que a atitude de superioridade do adulto deixa de ter sentido, se efectivamente se quiser dialogar com o mundo da criança, que se torna possível comunicar e consequentemente progredir no desenvolvimento individual e social.

"A superação dessas distorções de origem sócio-cultural supõe portanto simultaneamente um trabalho de produção científica liberto dos efeitos aberrantes da divisão das disciplinas científicas e uma posição no mundo que promova as condições sócio-culturais

dessa libertação (Houart), a perspicácia para delinear o problema e a força motivacional para achar uma solução determinam o progresso duma Personalidade criativa e duma Sociedade inovadora conferindo-lhe um desenvolvimento dinâmico e com saúde.

Por outro lado, é preciso sonhar acordado ou a dormir! Cada sujeito é um mundo e o mundo que ele cria. A percepção é a de cada um, em função dos seus esquemas inatos e adquiridos.

À margem, sem ser marginal, distanciando-nos da realidade para a melhor observar (será isso legítimo?), queremos um irreal imaginário, isto é, ir para além da realidade; já não é suficiente, é necessário algo de diferente, de original, que só é possível pelo uso e fruto da fantasia e do mundo imaginário, isto é, um mundo onde o impossível é possível.

Vivendo dia a dia com a imagem ilusória de factos e artefactos, passa-se a ser desconfiado e a suspeitar de tudo e de todos, até de nós próprios.

Numa sociedade de igualdade como é possível existir criatividade? Não são as diferenças forças motrizes de novas perspectivas? "Quem mais poder tem mais governa", será que interessa impor ideias, valores, técnicas, comportamentos mesmo que isso implique matar uma personalidade, uma sociedade, ou um povo (suicídio, genocídio, etnocídio)?

A perspectiva positiva da sociedade será aquela em que todos os seus elementos se desenvolvem em plena harmonia consigo próprios e com os outros atingindo a felicidade plena. Alcançar um mundo criativo e inovador será uma utopia? Desde quando as utopias não são concretizáveis? Qual o caminho a seguir? O respeito pela diferença motriz de criatividade de que é exemplo a dança, a canção, a pintura e os costumes e tradições (tourada, traje alentejano tão diferente do minhoto), é uma opção.

A urgência duma renovação e actualização cultural, passa por um lado, pela tomada de consciência de todo um património hereditário ou adquirido de obras, pensamentos e tradições próprios de cada geração que transmite às gerações vindouras; e por outro, a uma dimensão contínua de reflexão teórica repleta duma transcendência crítica e duma riqueza da função simbólica.

Não podemos ignorar a época de transição que atravessamos "chegamos a finais do século XX possuídos pelo desejo desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é com o conhecimento de nós próprios." (B. Sousa Santos). Talvez o regresso às "coisas simples" e "à capacidade de formular questões simples" facilmente entendidas por mentes perspicazes dispostas a comunicar, possa ser um caminho viável.

CONCLUSÃO

A disponibilidade e a intencionalidade para comunicar não bastam para que o EU conheça o OUTRO e conseqüentemente se conheça a si próprio. Porque é que as sociedades actuais ainda não encontraram o ponto de equilíbrio na relação entre o indivíduo-sociedade? O ponto ideal onde ninguém se anula, anula ou é anulado, é essencial para que cada homem ou mulher (e todos em conjunto) possa participar activamente na construção de um mundo mais humano. Assim, importa criar uma nova leitura e feita da comunicação", não uma leitura que se limite a reconhecer a marca do social mas uma leitura que problematize esse mesmo social e o avalie na sua capacidade em promover corpos e espíritos aptos a viver plenamente a aventura e a encontrar o próprio universo da comunicação" (J. Houart).

A teoria da comunicação procura abranger uma problemática da totalidade do Homem em relação, simultaneamente centrado e descentrado de si mesmo para melhor se

compreender, promovendo um auto-conhecimento das convergências e divergências específicas do EU e do OUTRO, do Individual e do Social.

Só pela relativização sócio-cultural, pela imaginação sociológica, pelo assumir da liberdade consciente e dos valores, do modo diferente de tratar os corpos e as mentes (percepcionados na unidade), segundo as sociedades e as épocas, se podem construir homens e mulheres felizes, porque originais e criativos em relação. Mas, só é possível existir mudança, evolução, progresso, vida humana através duma **COMUNICAÇÃO** eficaz; isto é, o ser humano diante de si próprio e perante a sociedade, coloca-se face a face com ambos, não negando a experiência (positiva ou negativa), e consciencializando cada Personalidade da importância das diferenças, oposições, conflitos e contradições para o auto-conhecimento.

A sensibilidade à diferença que se estabelece na relação (intra e inter) entre o EU e o OUTRO contribui para a inovação do pensamento e desenvolvimento dum novo ser humano autónomo que jamais se sinta agrilhado pela sensação de falsidade, ilusão, alienação, vazio, insegurança, podendo sentir-se confiante quando se expressa conscientemente livre e original. Para que tal seja possível parece ser útil reconciliar os três momentos indispensáveis a qualquer construção científica: o empírico, o tórico e o epistemológico.

BIBLIOGRAFIA

- BALL, Raymond**, (1971); *Pedagogia da Comunicação*, Publicações Europa América, Collecção Saber.
- BAUDRILLARD, Jean**, *A sociedade de consumo*, Edições 70.
- BLOOM, Allan**; (1987), *A cultura inculta. Ensaio sobre o declínio da cultura geral*, Publicações Europa-América.
- BOURDIEU, P., PASSERON, J. C.**; *Introduction à la Sociologie*. Emission télévisée à l'O.R.T.F., 12-19 Décembre 1967.
- DURKEIN, Émile**; "A sociologia em França no séc. XIX". In *A ciência social e a acção*, Livraria Bertrand, Lisboa, p.103-123.
- GHEORGHIU, C. - V.**; *A 25ª HORA*, Livraria Bertrand, Lisboa, p.420.
- FROMM, Erich**, (1986); *O Medo à Liberdade*, Editora Guanabara, 14ª Edição.
- HOUART, Jacques**, (1989); "Uma História da Antropologia: reflexões sobre a sua necessidade e as suas condições", in *Antropologia, Portuguesa*, 7, p.79-87.
- HOUART, J.** (1989); *O nu contra o nu. Método antropológico para uma comunicação autêntica dos corpos*, Instituto de Antropologia.
- JONES, James**, (1962); *Os Sãos e os Loucos*, Livros de bolso Europa-América.
- MILLS, C, WRIGT**; *A imaginação sociológica*, Zahnar Edições.
- NIETZSCHE, Friedrich**, (1978); *Assim falou Zaratustra*, Livros de Bolso Europa-América.
- PINTO, Roger & Grawitz, M.**; (1964), *Méthodes des Sciences Sociales*, Dalloz, Paris.
- RODRIGUES, A.D.**; (1990), *Estratégias da Comunicação*, Editorial Presença, Lisboa.
- SANTOS, Emma**, (1981), *O Teatro*, Assirio e Alvin.
- SANTOS, B. de Sousa**, (1986); *DISCURSO*, Coimbra.
- SCHTZMAN, Evry**, (1973). "As contingências sociais", in *Ciência e Sociedade*, Coimbra, Livraria Almedina, p.43-60.
- SUMNER, William G.**, (1907), *Folkways: a study of the sociological importance of usages*, p.417-479.